

O TEATRO DO OPRIMIDO E A ANTROPOSOFIA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O EDUCADOR NA BUSCA DE SEU VERDADEIRO PAPEL

Priscilla Teixeira Campos ¹

Resumo:

Utilizar o Teatro do Oprimido e a Antroposofia no Curso de Formação de Professores em EA para facilitar a compreensão dos conceitos fundamentais para uma EA Emancipatória. Com uma vivência integrando os diferentes conhecimentos e reflexão do papel do educador ambiental contextualizado com a sua realidade.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido, Antroposofia, Educação Ambiental, Educador Ambiental, Arte-educação.



“Precisamos, de início, fazer a escolha, e isso
verdadeiramente ainda não aconteceu”

Ana Luisa de Brasil Camargo

Diante da crise socioambiental em que nos encontramos, vemos esse momento como crucial para o entendimento, comunicação e prática da sustentabilidade. E apontamos a Educação Ambiental, EA, como um caminho para alcançarmos a própria. Porém, grande parte das experiências existentes em Educação Ambiental tem sido um processo falho quanto ao alcance de seus objetivos (LEFF, 2009). Um dos motivos é que a preocupação inicial dos educadores limita-se a objetivos de conservação da natureza, não aprofundando aspectos relacionados a pluralidade do ser humano. Destitui-se assim, os entendimentos e provocações advindos da percepção dos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento), que juntos nos dão o conhecimento e, portanto, a compreensão mais próxima da realidade (BOAL, 2009).

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Nesse sentido, esse trabalho busca compreender como o Teatro do Oprimido, TO, e a Antroposofia potencializam as vivências de EA por unir a percepção dos campos simbólico e sensível na formação de educadores ambientais. Pois a “Arte é pedagogia do entendimento.” (BOAL, 2007, p.7). Além do que, “é por meio da arte que expressamos nossa forma de agir, de sentir e de pensar, sentindo-nos mais integrados, e podendo sistematizar a realidade simbolicamente.” (ORMEZZANO; POMA, 2013, p. 229). Trazendo para o campo de atuação do educador ambiental as ferramentas necessárias para o desenvolvimento de uma EA Emancipatória (LOUREIRO, 2006).

Esse artigo é oriundo do trabalho desenvolvido com oito educadores do Curso de Formação de Professores em EA, com carga horária de 40h, ocorrido em março e abril de 2013 no Espaço Holístico Kallebantu, em Aracaju, Sergipe.

Esse texto dividi-se em quatro sessões: na primeira, intitulada MOVIMENTO, apresentamos as motivações para realização do curso, na segunda, intitulada DO CURSO trazemos a formatação em termos de conteúdo e forma do mesmo; na terceira, intitulada, EM SI, traremos o ocorrido durante o curso ou os resultados do processo; e na quarta e última sessão, FUI EU – FOMOS NÓS, faremos uma reflexão do processo baseada nas informações colhidas durante a formação do grupo, seus anseios, demandas e colheitas, trazendo para si a responsabilidade pelo mundo que co-habitamos.

MOVIMENTO

Tudo começou com o Projeto Argos itinerante de Arte-Educação Ambiental que sensibilizou mais de 3000 pessoas com um trabalho de EA em 13 estados brasileiros e a sistematização dessa experiência durante dois anos na UFC (CAMPOS et al 2011, 2012) inclusive com formação de professores (PEREIRA et al, 2012). Pudemos observar algumas lacunas no processo de formação do educador ambiental, que tentamos preencher ou ao menos levantar alguns pontos importantes para discussão nesse trabalho.

Com a caminhada acadêmica e encontros salutareos com alguns autores que serão apresentados aqui, a ideia de trazer pra si a responsabilidade sobre a educação, seja ela formal ou informal de professores foi ficando mais presente. Assim nasceu a motivação que originou o Curso de Formação de Professores em EA no Kallebantu/Aju/SE.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Ao pensar no curso, qual seria seu conteúdo e sua forma, visto que os educadores que participariam teriam diversas formações acadêmicas em diferentes atuações, nos centramos em algo geral que permeia a EA propriamente dita: qual o papel do Educador Ambiental?

Analisando os objetivos e princípios da EA em Dias (2004) e Loureiro (2006), criamos uma Linha do Tempo da EA, desde o seu surgimento na década de 60 até os dias atuais. E a partir de então, percebemos que havia coisas que se repetiam como um entrave na Formação do Educador Ambiental.

Como por exemplo: a) o atraso com que as informações chegavam ao Brasil, fazendo com que o mesmo evoluísse tardiamente em relação ao que ocorria no mundo; b) o fato de não haver ainda na atualidade uma formação, um curso de EA formal na academia que traga as ferramentas necessárias para o educador lidar com a complexidade dessas questões; b) as exigências pautadas sobre a EA, de que ela seja o elixir para as problemáticas ambientais e portanto do mundo, como a guardiã dos valores que faltam na visão de mundo utilitarista o que a torna idealista em seus princípios e portanto distante da prática efetiva e contextualizada (LOUREIRO, 2006).

Ora, estamos diante do Paradigma da Biocomplexidade (MORAN, 2011), no qual nos deparamos com uma ciência reducionista para lidar com questões complexas e transdisciplinares como as questões ambientais. Não só pelos preceitos éticos que são os pilares da EA, como também pela lida com a sustentabilidade, da qual não se encontrou ainda em ambas um consenso para suas práticas (CAMARGO, 2003).

O que surge é um cenário de bastante responsabilidade para esse educador ambiental, mas não um apontamento do caminho a ser seguido para a realização desse papel. Além do confuso situar-se entre o que é de responsabilidade individual e o que é de responsabilidade coletiva. Sabendo-se que ambas as coisas ocorrem simultaneamente (MORIN, 1977; SANTOS, 2005) e que só há separação das mesmas para fins didáticos.

Muitas das queixas que colhemos dos educadores na nossa caminhada vêm de não saber lidar com as subjetividades dos educandos no processo educativo. Então, centramos nossas reflexões em como trabalhar o Pensamento Sensível (sensibilidade) aliado ao Pensamento Simbólico (razão) que segundo Boal (2009) é a chave para melhor compreensão da realidade. E para isso, trazemos as contribuições do Teatro do

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Oprimido, principalmente da Estética do Oprimido. Outra queixa frequente é a de não saber como trazer o conteúdo necessário da EA para os diferentes públicos de acordo com a faixa-etária. Para discutir esse ponto, trazemos as contribuições da Antroposofia de Rudold Steiner, que através de sua Pedagogia Waldorf sinaliza o desenvolvimento do ser humano em setênios, levantando o que e como se deve aprender em cada fase da vida e obviamente contextualizada com o ambiente.

Existem outras questões satélites em torno do tema - o papel do educador ambiental - mas nos centraremos nesses dois pontos, que a nosso ver são complementares e por si só demais extensos. Além de que, se trabalhados conjuntamente são um ponto de partida seguro para que cada um trilhe sua própria caminhada.

O que nos faz adentrar em uma educação que valoriza a “perspectiva de uma EA voltada para a formação de um sujeito crítico, capaz de efetuar uma leitura de mundo contextualizada histórica, social e politicamente, compreendendo suas relações com a questão ambiental; e, ainda, capaz de se mobilizar e se empoderar, desencadeando uma ação transformadora, ativa nos ambientes de vida a qual pertence” (MMA, 2005).

Por essa construção acreditamos que se chega a uma Educação Ambiental crítica, reflexiva, dialógica, vivencial e portanto emancipatória. Na visão de Loureiro (2006). Esse é o nosso Movimento.

DO CURSO

O curso aconteceu em 4 dias, durante 2 finais de semana, em imersão, com uma atividade complementar entre eles (Tabela 1: Programação do Curso). O público foi composto por oito educadores ambientais de diferentes formações e atuações profissionais.

Tabela 1: Programação do Curso.

Módulo 1 – 16h + 8h atividades extra = 24 h		Módulo 2- 16h	
Dia 1 (Terra) Natureza Homem	Dia 2 Homem (água) Relação Homem- Natureza	Dia 3 (ar) Respiração Pausa	Dia 4 fogo (eu) Individualidade Singularidade
-Introdução ao Ritmo do dia -Vivências EA	Introdução ao ritmo do dia - Vivências EA	Introdução ao ritmo do dia - Vivências EA	Introdução ao ritmo do dia - Vivências EA
Teoria EA	Teoria Flor Permacultura	Teoria Permacultura Ecoalfabetização	Teoria Educação Estética

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Vivência/pintura(aquarela)	Vivência/Desenho	Vivência/Teatro	Vivência/Estética
Teoria EA Dança circular	Teoria Dança circular	Teoria Dança circular	Apresentação dos trabalhos (atividade)

A Atividade Complementar consistia em escrever um projeto que culminasse em uma ação prática de EA contextualizada com a realidade de cada educador. Foi apresentada e discutida com fins de melhoramento da mesma por todo o grupo.

. A programação foi inspirada livremente na quadrimembração da Antroposofia (LANZ, 1998):

a) Terra – reino mineral – corpo físico (dia 1)- foi trabalhado o “fundo do quadro”, um panorama da questão ambiental, apresentando os Sistemas: -Natureza segundo a Ciência Moderna, com as suas respectivas leis e conceitos; e -Homem segundo a Ciência Espiritual ou Antroposofia, com suas respectivas leis e conceitos (STEINER, 1995). Além do entendimento da Crise sócio-ambiental (MORAN, 2011). Que segundo Loureiro(2006) é o ponto de partida para qualquer educador ambiental.

b) Água – reino vegetal- corpo etérico (dia 2) – foi trabalhada a Relação Homem-Natureza, como o homem, educador ambiental se insere nesse quadro pintado no dia anterior. Aqui já se chegou a um consenso do que é EA para esse grupo e qual o perfil que esse educador tem que ter para desenvolver a EA almejada.

c) Ar – reino animal – corpo astral (dia 3) – Foram trabalhadas ferramentas para criar nossa “EA Própria”, ou seja, como os educandos se apropriariam das ferramentas apresentadas ao longo do curso para ressignificarem a sua própria prática educativa.

d) Fogo – reino humano – Eu (dia 4) – Foram apresentadas e discutidas as atividades complementares, Chamada para o Eu. Para tomada de consciência, para auto-educação e a responsabilidade em si que ser educador demanda.

Todas as teorias foram intercaladas por vivências artísticas inspiradas em jogos teatrais (BOAL, 2004) e produção estética (BOAL, 2009). Para Rodrigues e Henning (2012), “aprender pode vir a ser uma abertura de si às diferenças. Abrir diferenças de pensamento a partir de práticas estéticas concretas.” (p. 186).

Segundo Sanctum (2012), toda trajetória boalina foi de luta principalmente contra a opressão cultural. Que “ [...] aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível” (BOAL,

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

2007, p. 8). O objetivo era a criação, o novo, o que nos desvencilha da reprodução cultural, da acomodação, pois a luta é a de superação desse estado no homem. “É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga...muitas vezes em nome de sua própria libertação.” (FREIRE, 2009, p. 51). É uma violência sutil que muitas vezes confunde liberalismo com liberdade.

O TO foi escolhido por ser uma ferramenta de educação popular de ampla abrangência e amplitude. “O TO é uma formulação teórica e um método estético cuja teoria e práxis estão inspiradas na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire”. (MOTOS-TERUÉL; NAVARRO- AMORÓS, 2012, p. 623, tradução nossa).

As vivências durante o curso ocorreram primeiramente para trabalhar a inspiração e expiração do educando, o que segundo Lanz (1998), fixa melhor o aprendizado. E o que para Boal (2004, 2007, 2009), facilita a compreensão da realidade.

EM SI

Di Ciommo (2003) aponta a Educação Ambiental como uma instância mediadora no resgate de valores sufocados pela visão de mundo utilitarista. “Experiências educacionais bem-sucedidas são tentativas de dotar a educação de um poder transformador, que é político, porque reforça o conceito de cidadania” (p. 434).

Capaz de transmitir o senso de responsabilidade e cuidado pelo ecossistema comum que habitamos- a biosfera. Que Segundo Camargo (2003) é o grande sistema constituído pelos domínios da vida. Palco gigantesco composto por bilhões de complicados cenários, nos quais dois princípios aparecem como fundamentais: o primeiro é que nenhum organismo vive só. O segundo diz respeito ao grande equilíbrio que resulta de todas as manifestações vitais.

Segundo Mollisson (1997), a habilidade de manter esse sistema de uma forma permanente e harmônica, traduz-se em Sustentabilidade ou Permacultura. Para nós, traduz-se em habilidade de sustentar. Que é peculiar de cada indivíduo. O conhecer suas habilidades para melhor utilizá-las.

A Permacultura é o desenho de comunidades humanas sustentáveis, uma filosofia de uso da terra que inclui estudos de microclimas, plantas anuais e perenes, animais, solos, manejo da água e necessidades humanas, em uma teia organizada de

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

comunidades produtivas. “É a ecologia dos recursos fundamentais do planeta Terra” MORROW (1993, p. 13). Trata do cuidado com a terra, com as pessoas, a partilha dos excedentes e a redução do consumo. Segundo Legan (2004), a sustentabilidade, integra-se em 6 temas englobados em uma flor de 6 pétalas, denominada de Flor da Permacultura (Figura 1): Água, Energia e Tecnologia, Interação Humana, Espécies e Ecossistemas, Economia Local e Segurança Alimentar. Cada pétala traz formas sustentáveis de lidar com o seu tema, propondo soluções para os problemas que ela engloba. Essa flor foi o nosso fio da meada durante o curso. Pois, compreendendo-a, pode-se utilizá-la em qualquer espaço/contexto para lidar com a Sustentabilidade desse ambiente, seja em seus aspectos físicos e também humanos e portanto da relação homem- natureza. Daí a complexidade desse tema. E os entraves da sustentabilidade.

Esses entraves são complexos porque vivemos numa grande teia de interdependência (CAPRA, 1994), somos seres ecodependentes (MORIN, 1977), temos uma individualidade única e heterogênea (MORAN, 2011), pertencemos a um coletivo sujeito a perturbações político-econômicas e temos diferentes padrões de perceber e nos relacionarmos com a natureza (SANTOS, 2007, 2009).

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com



Figura 1: Flor da Permacultura (LEGAN, 2004, p. 10).

Pressionamos o equilíbrio do planeta de diferentes formas. “Agimos como se estivéssemos acima das regras que regem as demais espécies do planeta” (MORAN, 2011, p. 30).

Sobrecarregamos os sistemas naturais pelo uso irracional dos recursos e a geração de resíduos que modificam biogeoquimicamente os ciclos naturais, apontadas por esse autor (id.) como a crise ambiental: perda da biodiversidade, diminuição da cobertura dos solos, desertificação, perda de florestas tropicais, extinção de espécies, acidez, empobrecimento e envenenamento dos solos pelo uso de agrotóxicos. Gerando consequências diretas ao ser humano como: escassez de recursos, alterações no clima chuvas torrenciais e secas prolongadas, epidêmicas, êxodo rural, crescente urbanização, crimes e guerras.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Diante desse cenário, diversos autores concordam com a necessidade de se entender a relação entre o homem e a natureza, as consequências dessas ações para natureza e por seguinte para o homem. Pois “...a natureza pode prescindir da cultura, mas não existe sociedade e cultura sem natureza” (DI CIOMMO, 2003, p. 434). Entender, mas de forma complexa, sem hierarquizações e aceitando a diversidade. Já que não existe hierarquia na natureza e a mesma é bio e sócio diversa.

Ao entendermos a crise ambiental e os conceitos de sustentabilidade, partimos para EA e o papel do educador. Vivenciamos tintas ecológicas a base de polvilho em um painel coletivo, alimentos vivos e também cozidos no fogão solar, trabalho de corpo, teatro, dança, desenhos, pinturas, aquarelas. (Figura 2: Vivências).



Figura 2: Vivências. Fotos: Priscilla Campos.

As vivências ora eram individuais ora em grupo. Intercaladas com a teoria. Chegamos a um consenso do que é Educação Ambiental para esse grupo: transparência, movimento, mudança, nutrição, conexão, dificuldades, percepção, retorno, comoção, mudança interna, cuidado, responsabilidade. E do que é ser educador ambiental, no qual o perfil do mesmo traçado pelo próprio grupo envolve auto-educação, respeito às diferenças e aceitação do outro. Modificando-se a palavra para Educador Ambiental, pois um trabalho que requer esse nível de conscientização perpassa valores universais que são abarcados nessa mesma palavra Amor: justiça, paz, essência, respeito, não violência. Diante de tal tarefa, precisamos de ferramentas à altura. Para sairmos também da crise denominada por muitos autores como crise de percepção e de valores.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

Segundo Read (2001), o objetivo da educação é o de desenvolver juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. E a educação estética é de fundamental importância. A educação dos sentidos, nos quais a consciência e em última instância a inteligência e o julgamento do indivíduo humano estão baseados. É só quando esses sentidos são levados a uma relação harmoniosa e habitual com o mundo externo é que se constitui uma personalidade integrada. Segundo o autor (id.), para alcançar esse objetivo a arte deve ser a base da educação.

Para Duarte (1988), ao objetivar sentimentos, a arte permite ao espectador uma melhor compreensão de si próprio – dos padrões e da natureza dos seus sentimentos.

“A Educação é por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos” (p.74).

Portanto, a arte através da educação, amplia a percepção do homem. Seja em relação a si mesmo ou em relação ao ambiente que o cerca.

Ao nos referirmos à estética, elencamos o conceito defendido por Boal no qual, estética é a comunicação através dos sentidos.

Segundo BOAL (2009), existem duas formas humanas de pensamento: o Pensamento Sensível, que diz respeito às sensações, às emoções; e o Pensamento Simbólico, que diz respeito à organização dessas sensações e se traduz em linguagem verbal e escrita. São formas complementares, poderosas, mas são ambas manipuladas e aviltadas por aqueles que impõem suas ideologias às sociedades que dominam. E Estes o fazem através do analfabetismo cultural, historicamente alienante.

Segundo esse autor, para fazer o caminho inverso da lógica dominante, deve-se trabalhar o Pensamento Sensível. Pois, “ao educar a sensibilidade, a partir dessa relação afetiva entre ser humano e ambiente, também a relação do ser humano com seu igual é ressignificada, desenhando um novo sentido do agir ético” (SILVEIRA, 2009, p. 380).

Uma forma de trabalhar o Pensamento Sensível é através da criação estética da Palavra, Som e Imagem, que segundo esse autor são os três canais estéticos de dominação cultural.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscoceano@gmail.com

A título de exemplo do que foi costurado ao longo do curso, trouxemos a seguir uma atividade integrando a Estética do Oprimido com a Antroposofia na Educação Ambiental, vivenciando a teoria na prática.

A dinâmica consistiu em ler um texto curto de temática ambiental, como sugere um exercício do Pensar da Antroposofia, por exemplo:

É o planeta quem toma conta de nós, e não o contrário. A obrigação moral que presunçosamente nos atribuímos de governar uma terra instável ou de curar nosso planeta doente é uma prova de nossa capacidade de nos iludir. Na verdade temos que nos proteger de nós mesmos (MARGULIS, 2001, p.109).

Cada cursante tinha de um texto diferente. Após o almoço, quando houve a pausa do que foi lido para ser digerido por outros órgãos que não o cérebro e ser entendido por outras vias, como nos sugere Jacob (1998) em sua ciência noturna; fizemos uma aquarela, cada um sobre o texto que havia recebido. E depois um poema sobre a mesma temática. Dispomos os textos em um local, os desenhos em outro e o poema em um terceiro e fizemos uma exposição, na qual trabalhamos a Palavra e a Imagem (Figura 3: Produção estética). Os cursantes foram passeando pela exposição e cada um escolheu um poema que achava que tinha a ver com o desenho que se conectava com o texto independente de quem o tinha produzido. Por fim, tivemos a grande surpresa de que os textos, poemas e desenhos encaixavam-se e ilustravam-se mutuamente, corroborando a ideia de conexão que perpassa a temática ambiental. A aquarela que ilustra o texto do Marcuse acima, ganhou um poema de uma outra cursante: Estratégias para Conservação da Natureza Natureza?/Veja!/Não veja/Beleza!/Beleza...(Sayuri Dantas).



¹Oc Figura 3: Produção estética. Aquarela de Rita Santos. Fotos: Priscilla Campos
Ambiente(RODEIMAVORS), priscilaoceano@gmail.com

eio

Assim, de forma lúdica e participativa, discutimos temas complexos, criando e ressignificando nossa visão de mundo, numa forma crítica e artística. Com leveza e beleza, apesar da seriedade e da responsabilidade. Uma vivência que sensibiliza porque trabalha a trimembração sugerida por Rudolf Steiner na Antroposofia e simultaneamente a tríade da Estética do Oprimido de Augusto Boal (Tabela 2: Antroposofia e Estética do Oprimido na EA. Após a vivência apresentamos a teoria da Estética do Oprimido (BOAL, 2009) e da Arte-Educação (READ, 2001). O que na avaliação do grupo facilitou o aprendizado ter de fato experimentado antes e teorizado depois, corroborando com o que viemos explicitando até aqui.

Após essa vivência e teorização da mesma, conversamos sobre a atividade complementar, ou seja, os projetos de EA de cada um, discutimo-los no grupo e fizemos o fechamento e avaliação do curso.

A resposta do grupo à proposta apresentada foi positiva e em 80% do grupo houve aprovação do método desenvolvido, tanto em relação à teoria apresentada, ao conteúdo, quanto a forma e ao ritmo do curso.

Tabela 2: Antroposofia e Estética do Oprimido na EA.

Atividade	Antroposofia	Estética do Oprimido
Exemplo Texto do Margulis Temática ambiental	Trabalha o Pensar	Pensamento Simbólico
Aquarela, Poesia	Trabalha o Sentir	Pensamento Sensível
Exposição/ Discussão	Trabalha o Querer	Ação

O que nos leva a crer de fato que a Antroposofia e o Teatro do Oprimido aliados a visão de Sustentabilidade da Permacultura têm contribuições relevantes à EA.

FUI EU – FOMOS NÓS

As perguntas que surgiram como inquietação maior durante o curso foi: como agir diante de crise socioambiental? O que fazer? Como sensibilizar? Como mudar o que está posto?

Não que a EA vá resolver sozinha todos os problemas da humanidade, mas “não há dúvidas, entretanto, de que o processo educacional pode incentivar a emergência de

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

um sujeito mais crítico, historicamente situado, que possa transformar a realidade opressora” (SANTOS; SATO, 2006, p. 32). Sem falar que a EA, através de ações aplicadas segundo Loureiro (2006) e Dias (2004) podem atuar como um eixo transversal de comunicação interdisciplinar. E também “como um instrumento de transformação social para se atingir a mudança ambiental” (LOUREIRO; LAYRARGUES; CASTRO, 2006, p. 12)

Uma educação cujo propósito é o de “formar cidadãos de fato comprometidos com a construção de sociedades ecologicamente prudentes e socialmente justas” (p. 13).

Mas, como fortalecer esse indivíduo para que se construindo ele possa de fato co-participar socialmente dessa construção?

Segundo Steiner (1995) cada ser humano é singular. É único. É um universo. Para Boal (2006), é subjetividade, é criação, é arte.

O homem também é cultura. Possui um sistema de crenças e valores com o qual atua no mundo. O problema é quando esse sistema é imposto pela cultura dominante, e o ser humano vira um reprodutor e não criador de sua própria cultura. Ou pior, não entende o contexto em que vive. Ou coisifica-se. “[...] afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito.” (FREIRE, 2009, p. 51). Poderia exercer sua liberdade e “[...] atuar segundo sua própria vontade, se soubesse o que quer, pensa e sente. Mas não sabe. *Ajusta-se* [...]” (p. 52, grifo do autor). E, ainda segundo esse autor, o homem, apesar do disfarce de otimismo, sente-se impotente. Confuso, sem saber qual o seu verdadeiro papel social.

Essa separação entre o indivíduo e seu contexto, ou ambiente, é a mesma raiz pela qual se separam indivíduo de coletivo. Ou seja, não existe. Mas o fato de não se saber dessa relação, de não se ter consciência dela, não nega sua atuação na vida planetária, seja ela de qualquer espécie. Um caranguejo não precisa ter consciência da existência de uma espécie que velozmente destrói seu habitat pra fazer um viveiro de camarão para que inúmeros caranguejos morram na mesma velocidade por esse exato motivo.

E é essa relação de “falsa” desconexão que infringe a teia da vida (CAPRA, 2001), que causa o desconforto e a confusão de não se saber agindo enquanto indivíduo, ser humano e enquanto coletivo, humanidade.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), priscooceano@gmail.com

A questão maior é uma questão de pronome, não é o QUE, mas QUEM é que age? O ser humano. Que ser humano é esse? O que ele pensa? O que sente? O que quer? E sendo assim, como faz? Não adianta o desalinhamento de pensar algo, sentir outro, e querer ainda outra coisa. Lógico que esse agir também vai ser desalinhado.

Além de que, o foco muitas vezes está na situação externa, por exemplo ao falar na atualidade sobre o genocídio indígena, ou a construção de Belo Monte, ou o envenenamento das águas e das terras por agrotóxicos. E são tantos os exemplos de desalinhamento mundo afora...e isso só ocorre porque mundo adentro também acontece. Meio ambiente interno é igual a meio ambiente externo.

Agora eu pergunto, será que tudo não parece mais difícil ou de resolução inalcançável tamanho grandeza da problemática local/global que se tem ao tratar de ambiente? E por que não trazer como a Permacultura orienta, para o pequeno, o primeiro setor, a zona 1, de onde partem todos os outros- o indivíduo? Por que não focar no caminho do meio interno? Na biografia de cada ser até aqui. E com consciência vislumbrar o daqui-para-frente como nos convida Steiner?

Quando começarmos em massa com esse trabalho, se tivermos tempo; certamente não precisaremos mais nos preocupar com a coisificação do ser humano nem com a paralisia que o assola ao vislumbrar as catástrofes que o circundam. Muito menos com a falta de respeito, a intolerância à diferença, a violência, o atentado à singularidade e a beleza do ser, humano.

Nem com tantos outros pesares que assolam o indivíduo, ignorante de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. Jogos para atores e não-atores. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 347 p.

_____. Educação, pedagogia e cultura. IN – Revista Metaxis: Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO-RJ, 2007. p. 7-8.

_____. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256 p.

CAMARGO, A. L. B. Desenvolvimento Sustentável: Dimensões e Desafios- Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Papirus Educação). 160 p.

CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1994.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

_____. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 6.ed. São. Paulo: Cultrix, 2001. 256 p.

CAMPOS, P. et al. A Arte como ferramenta para melhoria da qualidade de vida em Pindoretama/CE. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12 a 16/12/2011, FORTALEZA/CE. Anais eletrônicos...Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.../10768/7323>> Acesso em: 02 abr. 2012.

_____. Arte Educação Ambiental: o Teatro na trilha de práticas sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 85 -101.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. IN - Estudos feministas, Florianópolis, v. 11, n 2, p. 423-443, julho-dezembro, 2003.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo, SP: Gaia, 2004. 551 p.

DUARTE JUNIOR, J. F. Porque arte- educação? 5ªed. Campinas: Papirus, 1988.

JACOB, F. O rato, a mosca e o homem. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 158 p.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 494 p. (Coleção educação ambiental)

LEGAN, L. A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente. Pirenópolis: IPEC, 2004. 171 p.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. ; CASTRO, R. S. Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2006. 183 p.

LANZ, R. Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano/ Rudolf Lanz. – 6 ed. rev. e ampl. – São Paulo: Antroposófica, 1998, 247 p.

MARGULIS, L. O planeta simbiótico: uma nova perspectiva da evolução. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 137p.

MMA, 2005. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores / Luiz Antônio Ferraro Junior, organizador. – Brasília, MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

MOLLISSON, B. Introductions to permaculture. Ten Speed Pr; Revised edition, 1997. 216 p.

MORIN, E. O método. Vol. 1: a natureza da natureza. Título original: La méthode 1: la nature de la nature. Éditions du Seuil, 1977.

MORROW, R. Permacultura passo a passo. Pirenópolis: IPEC, 1993 155p.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com

MOTOS-TERUEL, T. ; NAVARRO-MORÓS, A. Estrategias del Teatro del Oprimido para la formación permanente del profesorado. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v.4, n 9, p. 619-635, 2012.

ORMEZZANO, G. ; POMA, S.T. Educação Socioambinetal, imaginário e artes visuais. *Educação, Santa Maria*, v. 38, n. 1, p. 219- 232, jan/abr, 2013.

PEREIRA, M. et al. Árvore do Bem viver: Educação Ambiental e diálogos de saberes sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). *Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 49 - 71.

READ, H. E. S. ; SIQUEIRA, V. L. (Trad.). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 366 p.

RODRIGUES,C.G. ; HENNING, P.C. Por uma educação do micro: ensaios sobre experimentações no corpo. *Interacções*, n. 21, pp. 179-189, 2012.

SANCTUM, F. Estética do Oprimido de Augusto Boal – uma odisséia pelos sentidos. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- graduação em Ciência da Arte – Universidade Federal Fluminense. Orientadora Dra. Martha D'angelo. 129p. 2011.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências/ Boaventura de Souza Santos. – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

_____.Renovar a teoria crítica reinventar a emancipação social. / Boaventura de Souza Santos; tradução Mouzar Benedito. – São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, J. E.; SATO, M. A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. 3. ed. São Carlos, SP: RiMa, 2006. 604 p.

SILVEIRA, E. A arte do encontro: a Educação Estética Ambiental atuando com o Teatro do Oprimido. *Educ. rev.* [online]. vol.25, n.3, pp. 369-394, 2009.

STEINER, R. *A Arte da Educação: O Estudo Geral do Homem, Uma Base Para a Pedagogia*. 2 ed., São Paulo: Antroposófica, 1995.

¹Oceanóloga, bolsista CAPES, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), priscaoceano@gmail.com